

IMPACTOS DOS PRIMEIROS MESES DA PANDEMIA COVID-19 SOBRE A AGRICULTURA FAMILIAR DO PARÁ E COMO A AGROECOLOGIA PODE APOIAR SUA SUPERAÇÃO.

Livio Sérgio Dias Claudino
Universidade Federal do Pará/UFPA
<https://orcid.org/0000-0002-1261-1533>

COVID-19 PANDEMIC IMPACTS OF THE FAMILY FARMING IN PARÁ IN THE FIRST MONTHS AND HOW AGROECOLOGY CAN SUPPORT OVERCOMING



Editores do dossiê:

Vinicius Denardin Cardoso (<https://orcid.org/0000-0003-4669-4290>)

Isabella Coutinho Costa (<https://orcid.org/0000-0002-2586-8928>)

Resumo: Neste artigo tentamos refletir sobre as seguintes questões: Quais são os principais impactos imediatos da pandemia Covid-19 para os agricultores e pecuaristas familiares, sobretudo em cidades do interior do estado do Pará? Quais as implicações para as redes de comercialização que envolviam aglomerações, como as feiras de produtores/agricultores? Diante de um cenário inesperado, com muitas restrições e controles de circulação, as feiras locais de camponeses e demais agricultores familiares sofreram inúmeros efeitos negativos, intensificando ainda mais as desigualdades já existentes e aumentando a pobreza. A partir de revisão de textos, em sua maioria postados na internet, especialmente entre os meses de março e maio de 2020, este artigo apresenta algumas consequências imediatas da pandemia para as redes de comercialização desses agentes sociais, e também indica como a Agroecologia pode facilitar mudanças sociais de longo prazo.

Palavras-chave: Feiras. Comercialização. Pará. Brasil.

Abstract: What are the Covid-19 pandemic impacts upon the family farmers and livestock, especially in outback cities of the state of Pará? What are the implications for the market networks that involved agglomerations, such as the traditional farmer fairs? Faced with a scenario of many restrictions and circulation, local peasant fairs and other family farmers went under numerous negative effects, further intensifying existing inequalities and increasing poverty. Based on a review of texts published especially between March and May/2020, this paper presents some immediate pandemic consequences upon the marketing networks of family farmers and ranchers, and also indicates how the Agroecology might easing the crisis overcoming and bring about long-term social changes.

Keywords: Traditional farmers communities, small market networks, Pará, Brazil.



ISSN: 1981-4127

INTRODUÇÃO

A recente situação epidemiológica decorrente do surto pandêmico devido ao Covid-19, iniciado no final de 2019, com picos no primeiro semestre de 2020 em todos os continentes, provocou crises em todas as dimensões da vida humana. Conforme relata Leopoldo (2020), alguns especialistas chegam a considerar tal pandemia como o marco do encerramento efetivo do século XX e início do século XXI, trazendo consigo profundos efeitos para a Amazônia. Todos os setores da economia foram afetados, de maneira mais ou menos intensa, desde o de matérias-primas, de transformação, até o de serviços, as medidas restritivas de circulação impactaram os sistemas de produção e as redes de comercialização.

Dentre os impactos e incertezas de curto prazo que foram vivenciadas, a suspensão de quase todas as atividades e a circulação de pessoas, simultaneamente, em diversos países, foi uma das mais marcantes. A agropecuária foi um dos setores com mais problemas, apesar de estudos preliminares indicarem certa estabilidade de exportação no primeiro trimestre (LOEBLEIN, 2020). O avanço da doença e o agravamento das medidas restritivas permitem prever como a maior crise desde a Grande Depressão dos anos 1930 (RIBEIRO et al., 2020). Setores como a criação e comercialização animal receberam impactos mais imediatos, inclusive nas possibilidades de comercializar (LUCENA, HOLANDA-FILHO, BOMFIM, 2020).

Como as atividades relacionadas à alimentação, e da agricultura de maneira geral, são consideradas essenciais, a previsão é que no segundo semestre de 2020 haja necessidade de reposição de estoques e aumento na demanda por parte de muitos países. Isso suscita novas frentes de pesquisas a serem exploradas, e muitos questionamentos, principalmente em torno dos debates acerca da adaptação às novas realidades sobre alimentação saudável, sistemas de criação animal, relação sociedade-natureza, sistemas agroalimentares e mercados, que podem recolocar a Agroecologia, no epicentro de discussões (ALTIERI, NICHOLLS, 2020).

Diferentes grupos de estudos já se debruçaram em análises e previsões para o ambiente agrícola, no primeiro semestre de 2020, mas a maioria deles são inconclusos ou em andamento, como por exemplo, sobre mudanças no trabalho na agricultura (CHAVES, MALANSKI, 2020), perspectivas para agricultura familiar e alimentação (GEPAD, 2020), desmatamento na Amazônia em época de Covid-19 (MELLO, FEITOSA, 2020), impactos ambientais e o surgimento de pandemias (RABELLO, OLIVEIRA,

2020), entre outros. A mensuração dos efeitos da pandemia, bem como as transformações de médio e de longo prazo, ainda serão objetos de muitas pesquisas, conforme já podemos observar pelos títulos dos projetos de pesquisa e extensão aprovados nas universidades desde o mês de maio. Somente após o restabelecimento de certa “normalidade” é que as investigações poderão realmente se consolidar.

Das certezas de impactos que se têm, sabe-se que os grupos que já apresentavam maior vulnerabilidade socioeconômica sofrem as piores consequências, aumentando, inclusive, pobreza. Em pesquisa realizada por um grupo da Universidade Federal do Pará, o estado do Pará figura entre os mais vulneráveis do país (devido às suas condições de renda, sanitárias, de escolaridade, entre outros fatores), de maneira geral, vista pela proporção populacional cadastrada no Cadun (Cadastro Único) que é como um “espelho da pobreza e vulnerabilidade”, ao serem analisados os dados socioeconômicos (MATHIS, 2020). As diferenças entre os meios rural e urbano são acentuadas, e entre alguns grupos de atividades também. Dentre os mais pobres, os grupos de povos e comunidades tradicionais, como quilombolas e indígenas, pescadores e agricultores familiares que não recebem benefícios como Bolsa Família são os mais vulneráveis.

Segundo Mathis (2020), a renda familiar (per capita) no Pará, que é de R\$ 209,42 (75% do valor da média brasileira, R\$ 279,77). Já a renda familiar daqueles em áreas rurais é de R\$ 138,95 (58% do valor da renda familiar dos domicílios situados em áreas urbanas, R\$ 240,47). A renda em áreas rurais do Pará representa 72% da média nacional dessas áreas. A situação das famílias classificadas como grupos tradicionais é ainda mais grave em termos de renda, já que é de R\$ 114,69 (cerca de 55% da renda média dos integrantes do Cadun-Pará).

Para grupos específicos, há ainda maiores diferenças, conforme Mathis (2020, p. 160-161): “As famílias de pescadores artesanais (81,27 R\$) e as famílias extrativistas (83,59 R\$) possuem a menor média de renda familiar (per capita). As famílias atingidas por empreendimentos de infraestrutura (246,85 R\$), as famílias assentadas da Reforma Agrária (274,56 R\$) e as famílias acampadas (275,56 R\$) possuem rendas familiares (per capita) acima do valor médio das famílias cadastradas no CadUn-Pará. A renda familiar (per capita) das famílias quilombolas, das famílias ribeirinhas e das famílias de catadores de material reciclável está em patamares parecidas, entre 105,50 R\$ e 106,27.

Embora esses dados estejam agregados, não permitindo visualizar as diferenças microrregionais, é importante destacar que os diversos segmentos de agricultores familiares, incluindo todas as populações tradicionais, já enfrentam impactos pela restrição de circulação de pessoas em feiras, restaurantes e outros mercados. Algumas cadeias curtas foram muito prejudicadas, conforme veremos a seguir. O artigo apresenta algumas das principais notícias publicadas nos primeiros meses após os primeiros Decretos de restrição de circulação terem sido publicados no Brasil.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado por meio de revisão bibliográfica, abrangendo textos postados na internet, e outros meios de comunicação virtual de amplo alcance e rápida disseminação publicados ou exibidos entre março e maio de 2020, principalmente sobre o Brasil, com o tema agropecuária, sobretudo de cunho familiar, e a pandemia de Covid-19. Além disso, como forma de completar as informações mais gerais, algumas conversas com representantes de agricultores e feirantes foram realizadas.

A PANDEMIA NO SETOR DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE ANIMAIS

O setor de produção animal foi afetado logo no início dos decretos de lockdown, principalmente entre aqueles que dependiam da comercialização dos produtos em feiras livres, exposições que foram canceladas, bares, restaurantes, churrascarias, zonas litorâneas e outras que são fortemente movidas pelo turismo e consumo gastronômico, como é o caso da caprinocultura e ovinocultura no Nordeste brasileiro (LUCENA, HOLANDA-FILHO, BOMFIM, 2020). Em alguns lugares do país ocorreu a suspensão das atividades nos frigoríficos, devido a fortes surtos da covid-19 entre seus funcionários, como no Rio Grande do Sul, e também em outros estados.

Entre os mais afetados já nos primeiros meses do ano, também se destacam os abatedouros de aves. As atividades de abate e desossa dificultam o distanciamento entre os funcionários, pois a carne de aves é mais processada que as carnes bovinas e suínas (GLOBO RURAL, 2020). Algumas medidas adotadas para minimizar a disseminação da Covid19 foram férias coletivas e desativação de algumas unidades (SCARAMUZZO, SILVA, CHIARA, 2020), que impactam na demanda e na oferta dos produtos, em parte oriundos da atividade familiar.

As expectativas do setor são de manutenção da oferta de aves, uma vez que o país opera com 30% de ociosidade (ou seja, apenas 70% da capacidade está em uso) e, comparativamente aos Estados Unidos, as unidades de processamento são menores, implicando que o fechamento de algumas não afeta muito a oferta, como no país norte-americano (GLOBO RURAL, 2020). A situação foi bem mais grave nos Estados Unidos, com problemas de desabastecimento, devido a vários fatores, como: tamanho das fábricas e superlotação de funcionários, que implicam em grandes impactos no fechamento de qualquer unidade; demora em responder às medidas sanitárias de distanciamento social; e a tentativa de ocultar ou minimizar os números. Há relatos também de muitos animais sacrificados como consequência do fechamento dos frigoríficos, evitando problemas de manutenção de granjas pelo excedente (BEEFPOINT, 2020).

Para o caso de carnes como de bode e ovelhas, com a redução da demanda por parte dos restaurantes e outros estabelecimentos, houve redução na frequência de abate, e as câmaras frigoríficas passaram a armazenar em capacidade máxima, ocasionando retenção do rebanho. Isto pode afetar os preços futuros, mas a expectativa é de recuperação do mercado antes do final do terceiro trimestre de 2020 (LUCENA, HOLANDA-FILHO, BOMFIM, 2020).

A situação de pescadores e marisqueiros não é muito diferente, haja vista que as restrições de distanciamento social que afetam o consumo, e também a possibilidade de extração dos produtos são preocupantes, conforme pesquisa realizada por Reis-Filho e Quinto (2020), implicando no agravamento das vulnerabilidades sociais, incluindo restrições alimentares dos grupos envolvidos.

O INÍCIO DA PANDEMIA NO ESTADO DO PARÁ E OS PRIMEIROS IMPACTOS EM FEIRAS

Logo no início da pandemia no Brasil, ainda no mês de março, as atividades comerciais continuaram funcionando, havendo apenas muitos receios quanto à disseminação da doença. Os governos municipais na Amazônia observavam o desenrolar da situação em outros países, que pouco a pouco ia se aproximando de suas realidades locais, começando pelo Sudeste e Nordeste do país. Ainda assim, o Carnaval ocorreu com receios, mas sem tanta precaução, uma vez que os registros no Brasil, mesmo que indicativos de preocupação, não foram suficientes para o cancelamento das festividades e nem a paralisação das atividades

produtivas. Feiras, abatedouros, supermercados, e outras áreas de circulação, continuavam mais ou menos funcionando da mesma forma.

Gradualmente foram surgindo os primeiros Decretos de alterações no funcionamento das atividades de produção ou comercialização e lazer. Em Abaetetuba, no Nordeste paraense, no dia 20 de março foi publicado o Decreto 468/2020, determinando Situação de Emergência devido ao Covid-19, com suspensão das aulas, e do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), de acordo com comunicado¹. No mesmo dia, o Decreto 467/2020, dispunha sobre as medidas de enfrentamento da Covid-19, com as primeiras suspensões de atividades de lazer, de trabalho, comercialização, entre outras. A venda de alimentos e bebidas para consumo nos estabelecimentos foi suspensa, por ocasião do fechamento dos bares e restaurantes. Os serviços de venda de alimentos foram mantidos, apenas o delivery continuou. Destaca-se que o Decreto 467/2020 também controlava a venda em quantidade maior que o usual, prevendo uma crise de desabastecimento no município. A venda de produtos agropecuários se manteve, mas com redução dos horários, e as feiras passaram a funcionar apenas pelo período da manhã, até as 11 horas (Artigo 3)². Mais adiante, algumas medidas prevendo apoiar os feirantes foram tomadas, como a Lei 549/2020, de 06 de abril, que suspendeu a cobrança da Taxa de Fiscalização de Atividade de Feirante no município³.

Pouco a pouco, já no início de abril, com o agravamento da pandemia, as medidas restritivas foram passando por reformulações e se tornando mais rigorosas, o distanciamento social metrificado, e ainda com imposição do uso de acessórios como as máscaras e álcool em gel (que se tornaram escassos e caros). Os horários das feiras se reduziam, excluindo-se também os finais de semana (Imagem 1). Conforme relato do presidente interino da Associação dos Feirantes da Feira de Agricultura Familiar de Abaetetuba (AFAFA)⁴, “depois, veio a interdição dos sábados, domingos e feriados determinando o horário de 7 até 11 horas. Outro impacto foi a redução dos transportes, pois muitos agricultores dependem do transporte público, limitando a possibilidade de muitos se deslocarem para levar suas

1 Comunicado Assistência Social de Abaetetuba, Pará. Disponível em:

<https://www.abaetetuba.pa.gov.br/informa.php?id=222> (Acesso 15 julho 2020).

2 Decreto Municipal de Abaetetuba, 467/2020. Medidas de enfrentamento do Covid-19. Disponível em: https://www.abaetetuba.pa.gov.br/arquivos/149/DECRETOS%20_467_2020_0000001.pdf (Acesso 15 julho 2020).

3 Lei 549/2020, Abaetetuba, Pará. Disponível em:

https://www.abaetetuba.pa.gov.br/arquivos/154/LEIS%20MUNICIPAIS_549_2020_0000001.pdf (Acesso 15 julho 2020).

4 Entrevista com pergunta direta, realizada por aplicativo de mensagem, dia 04 de junho.

Imagem 1: Notícias divulgadas na rede social da AFAFA, suspendendo a feira do dia 28 de março, depois informando o retorno no dia 05 de junho.



Fonte: Instagram @feirabaetetuba (2020).

mercadorias”. Muitas perdas econômicas começaram a ocorrer entre os menos providos de meios para manter suas redes de comercialização de forma alternativa à venda na feira.

Ainda segundo o interlocutor, mesmo mantendo as atividades, com muitas restrições, começaram a surgir feirantes doentes na Associação, e a morte de dois clientes levou os feirantes a decidirem parar de atender, ainda em abril, com receios de levarem o Covid-19 para as suas famílias e comunidades. Isso nos lembra aquilo que Sousa (2020) apontou como o luto público por vidas personalizadas, no contexto da Covid-19. Vale destacar que tais feiras se caracterizam também, entre outras coisas, pelas relações de afetividade e convivência. As pessoas que circulam não são apenas clientes ou consumidores, possuem características reconhecidas pelos feirantes, gostos particulares, muitas vezes com histórias de vida cruzadas por laços de parentesco ou amizade. Assim, além do medo de contaminação, a importância do luto e respeito se impuseram.

Aqueles que tinham mais meios adotaram medidas para continuar tendo renda. Uma delas foi a busca de pontos alternativos para comercializar. Cerca de 5, de um total de quase 40, agiram assim, incluindo os que possuem parentes feirantes passaram a enviar seus produtos para outras feiras que ainda estavam em funcionamento, como na cidade de Barcarena ou outros pontos. Alguns passaram a fazer entregas na cidade, por meio de encomendas por contatos telefônicos. Outros apenas venderam na porta das residências. Os demais pararam. Segundo o presidente interino AFAFA, a maioria conseguiu acesso ao auxílio emergencial, suprindo, de maneira parcial, as necessidades imediatas.

Esses Decretos e medidas foram muito similares em várias cidades do interior do Estado do Pará. Segundo informações de responsáveis pelas feiras de produtos da agricultura familiar em Marabá, as mesmas tiveram as atividades suspensas ainda no mês de abril, por decisão dos próprios agricultores, que são também feirantes. Embora não façam parte dos serviços restritos, pois são consideradas essenciais, as dificuldades para o atendimento dos clientes mantendo as medidas sanitárias relacionadas à Covid-19, bem como o receio de contaminação levou os agricultores a restringirem suas atividades. Segundo informado em um site da prefeitura de Marabá “Segundo o coordenador de Feiras Livres na Seagri, Marcos Miranda, foram os próprios agricultores que tomaram essa decisão, pela dificuldade em cumprir determinações como manter distância entre pessoas e as barracas, visto que o espaço que ocupam [pequeno] é para a quantidade de expositores e pedestres, e por considerarem inviável a compra de material de higiene (álcool em gel) e EPI’s”⁵, optaram por suspender as atividades (Imagem 2).

Imagem 2: Notícia no site da Seagri de Marabá, em 01 de abril, informando a suspensão da feira.



Fonte: Site Seagri (2020).

⁵ Notícia no site da Secretaria de Agricultura, dia 01 de abril de 2020: “Seagri: Por decisão dos agricultores, Feira do produtor tem atividade suspensa”. Disponível em: <https://maraba.pa.gov.br/seagri-por-decisao-dos-agricultores-feira-do-produtor-tem-atividade-suspensa/> (Acesso 15 junho 2020).

A produção também foi afetada, nos dois casos citados. Aqueles que compravam produtos para revender, suspenderam as compras; os que são produtores e feirantes, no caso de produtos já em época de colheita, tiveram perdas, fizeram doações ou entregaram a preços muito abaixo do custo. Devido serem perecíveis, alguns produtos não resistem muito tempo após o amadurecimento na própria planta ou na pós-colheita, exigindo rápido consumo. Embora de modo geral o setor da produção agropecuária não tenha sido comparativamente o mais afetado, como os de lazer, cultura, esporte, os impactos econômicos para os agricultores familiares e camponeses foi alto, principalmente para aqueles que possuíam menor diversificação da produção e dos meios de comercialização (que dependiam de venda apenas na feira, ou para programas institucionais, etc.). Com as restrições de transporte público, aqueles sem veículos particulares foram os mais prejudicados. Assim, o ditado, que se tornou corriqueiro nas redes sociais, durante a pandemia: “Estamos na mesma tempestade, mas não no mesmo barco”, tornou-se assertivo.

Nos municípios em que a doença avançava, e também os protocolos de distanciamento se tornavam mais exigentes e manter as feiras em funcionamento normal se tornou inviável dos meses de abril e maio. Após esse período, gradualmente, algumas atividades que envolviam públicos maiores foram retornando. Grande quantidade de pessoas, nos municípios paraenses, passou a apresentar os sintomas e, ao se sentirem curadas, juntamente com a confusão entre as falas do Governo Federal, Ministério da Saúde com ou sem ministros que negavam a fala do presidente, foram sendo mais instigadas a voltar às atividades de venda e produção. Mesmo com medidas restritivas, e grande insegurança, aos poucos algumas atividades foram sendo retomadas, e em junho e julho, boa parte do comércio já estava funcionando, mas sem o fôlego de antes.

Muito há de se aprender para as adaptações às situações novas em um período pós-Covid-19, ainda mais diante dos cenários ameaçadores de sucessivos temores de novas epidemias, ou ataques de pragas, como a de gafanhotos, que causou grande alvoroço no mês de junho em alguns países fronteiriços com o Centro-Oeste e Sul do Brasil. A mesma levou o governo a emitir Decreto (208/2020) com medidas de combate, que incluem a intensificação do uso de agrotóxicos para evitar a praga (O-TEMPO, 2020), o que pode gerar ainda mais desequilíbrios ambientais.

A AGROECOLOGIA E SUAS POTENCIALIDADES PARA ENFRENTAR A PANDEMIA E TRANSFORMAR O FUTURO

Apesar de tantos efeitos negativos, a crise pandêmica possibilitou com que nos primeiros meses do ano 2020, inúmeros trabalhos fossem publicados, indicando justamente que as previsões dos defensores da Agroecologia se tornaram evidentes durante a pandemia. Algo que já era percebido nas epidemias anteriores, que é a relação entre alimentação e surtos epidêmicos foi tomando corpo. Tais constatações, principalmente da ligação entre o uso de agrotóxicos, a alimentação, sistemas de criação animal, formas de ocupação da terra e uso dos espaços para atividades agropecuárias, as desigualdades de acesso aos sistemas de saúde e as últimas grandes epidemias⁶, fizeram surgir com muita força proposições de novos caminhos a serem seguidos, evitando assim outras crises, pela adoção dos princípios agroecológicos nos sistemas de produção e circulação de alimentos (ALTIERI, NICHOLLS, 2020; GEMMILL-HERREN, 2020; DUNCAN, RIVERA-FERRE, CLAEYS, 2020). Trata-se, pois, de um momento oportuno para se discutir os fatores causais dos sucessivos desequilíbrios antropocológicos e quais seriam as formas de superação. A Agroecologia, como teoria crítica e também prática social, apresenta caminhos (ALTIERI, 2012).

De maneira um pouco mais consolidada, mas ainda sem consenso em meio acadêmico, inúmeros trabalhos vinham apontando que o modo como aconteceu o desenvolvimento, visto como progresso (DUPAS, 2007), pela exploração exacerbada dos recursos naturais não-renováveis e renováveis, ampliação e aceleração da circulação de materiais genéticos em escala mundial, e outras características que definem a modernidade, e também o que chamamos de Revolução Verde (ALTIERI, 2012) na agricultura, resultariam em problemas ambientais graves, desde os desastres naturais até as crises epidemiológicas. O final do século passado foi marcado pela preocupação com as mudanças climáticas e o aquecimento global. Mesmo antes do final do século XX, inúmeras frentes de trabalho indicavam que os rumos das formas de exploração dos recursos naturais, como pela produção agropecuária deveriam mudar, sob pena de provocar efeitos irreversíveis, principalmente ao meio ambiente.

Justamente como forma de contraponto ao desenvolvimento e ao

6 A título de exemplo, mais recentemente, pesquisadores indicaram que o uso desenfreado de agrotóxicos, associado às desigualdades de acesso aos sistemas de saúde impunham desafios que só podem ser enfrentados pela aproximação multidisciplinar entre a área da saúde coletiva e da agroecologia (BURIGO, PORTO, 2019).

progresso preconizados pela Revolução Verde, a Agroecologia veio ganhando destaque, acentuando-se nas últimas três décadas, como um paradigma para formas sustentáveis de produção e transformações sociais mais gerais. Embora a Revolução Verde tenha sido responsável por grandes transformações na agricultura em boa parte do mundo, principalmente pelas mudanças motivadas por avanços na área da bioquímica da produção agropecuária e mecanização, que elevaram significativamente os níveis de produtividade, produção e de circulação de produtos agropecuários, a mesma conduziu a crises de múltiplas dimensões na sociedade, e na agricultura de maneira mais específica (GLIESSMAN, 1998; ALTIERI, 2012).

A Agroecologia fundamenta-se, então, em propor mudanças para superar os efeitos negativos das revoluções química, mecânica e biológica sobre o meio ambiente, sobre as dinâmicas sociais e sobre as pessoas, como a contaminação por agrotóxicos, degradação dos solos, poluição do ar, água, avanço do agronegócio e êxodo rural, entre inúmeras consequências. Assim, muitos cientistas passaram a propor alternativas ao modelo de desenvolvimento baseado exclusivamente em alta tecnologia. Tais caminhos alternativos não são conclusivos e há divergências entre os eles, e.g., quando se refere aos níveis de adoção de insumos químicos ou de tecnologias. A pandemia pode servir, paradoxalmente, para mostrar que mudanças no modo de vida e produção se fazem necessárias, o que podemos chamar de transição agroecológica.

Do ponto de vista prático, pensando no contexto de Amazônia paraense, a Agroecologia pode servir como perspectiva para a sustentabilidade da agricultura. Tanto nos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambiental advindos das práticas dos agricultores familiares paraenses, que comercializavam suas produções em feiras livres no Pará. O fortalecimento dos canais curtos de comercialização, priorizando os agricultores familiares que trabalham com base nos princípios agroecológicos, ou pelo menos, têm tentado medidas para fazer a transição para sistemas agroecológicos, fomentados por apoio social e políticas públicas, pode trazer inúmeros benefícios coletivos. Vale destacar que a valorização dos saberes e conhecimentos tradicionais faz parte dos princípios agroecológicos, sem os quais não é possível avançar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19 de maneiras distintas afetou a sociedade em todos os países do mundo, atingindo alguns setores mais que outros

(SOENDERGAARD, 2020). Nesse texto, foi possível apresentar um breve panorama da situação entre agricultores familiares, com ênfase naqueles que comercializam seus produtos em feiras municipais no Estado do Pará, em cidades que tiveram decretos de restrição de atividades já no final de março ou início de abril. Para a pesquisa, foi tomada por base a leitura de textos publicados principalmente durante os meses de março, abril e maio, incluindo bibliografia acadêmica e notícias de sites de comunicação, além de acompanhamento de situações microrregionais, com ênfase nos impactos que a suspensão ou limitação das atividades de comercialização representaram, bem como as soluções encontradas por alguns agricultores familiares.

De maneira geral, pode-se constatar que o setor da produção e comercialização agropecuária foi bastante afetado, havendo perdas econômicas expressivas, muito mais intensas entre aquelas famílias ou grupos mais vulneráveis. Aqueles que possuíam meios de diversificar os canais de comercialização, ou que tinham produtos que não dependiam de colheita imediata puderam superar melhor o período analisado. Houve até um certo aprendizado e construção de redes por meio de delivery, que deve ser continuado mesmo após a pandemia.

A hipótese é de aumento nas desigualdades de médio e longo prazo, considerando-se que aqueles que puderam responder melhor, tendo menores perdas de capital, devem reconstituir suas economias com mais rapidez, à medida em que o consumo vai se reestabelecendo. A atenção governamental e das demais instituições de apoio socioeconômico deve se voltar para os grupos de agricultores familiares, camponeses e demais comunidades tradicionais que devem ter se tornado ainda mais vulneráveis e excluídos dos processos de participação socioeconômica em seus territórios. Como principal alternativa apontada no estudo, os princípios da Agroecologia, de respeito às interações ecossistêmicas e sociais, a valorização dos conhecimentos tradicionais para as produções agroalimentares mais saudáveis, podem conduzir a sociedade não só para a superação da crise atual, mas para evitar novas crises de tipo similar e promover mudanças sociais positivas.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. Ed. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

ALTIERI, Miguel, NICHOLLS, Clara Ines. Agroecology and the emergence of a

post COVID-19 agriculture. Agric Hum Values (2020). Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10460-020-10043-7>>. Acesso em 15 jun. 2020.

BEEFPOINT, Revista online. Como a indústria de carne dos EUA mudará por causa do coronavírus? O que você precisa saber. S. i. Reportagem publicada em 20 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.beefpoint.com.br/como-a-industria-de-carne-dos-eua-mudara-por-causa-do-coronavirus-o-que-voce-precisa-saber/>> Acesso em 03 jun. 2020.

BURIGO, Andre Campos; PORTO, Marcelo Firpo de Souza. Trajetórias e aproximações entre a saúde coletiva e a agroecologia. Rio de Janeiro: Saúde e Debate, v. 43, n. esp. 8. p. 248-262. Disponível em: <<http://saudeamanha.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/03/RSDE8-RS-web.pdf#page=250>> Acesso em 22 jun. 2020.

CHAVES, Priscilla Tiara Torrezan; MALANSKI, Priscila Duarte. O que os organismos internacionais estão falando quanto ao impacto do coronavírus sobre o trabalho na agricultura? UEM: Covid-19 e impactos no agro. Disponível em: <http://www.cpr.uem.br/images/grupo-agro/17-agro-covid-19-tema3_texto4-final.pdf> Acesso em 28 jun. 2020.

DUNCAN, Jessica; RIVERA-FERRE, Marta; CLAEYS, Priscilla. The importance of Food Sovereignty for the Farm to Fork strategy and the New Green Deal. Insights and limits of the SAM and SAPEA reports.

In. Academic Brief, 13 mai. 2020. Disponível em: <https://www.foodsovereignty.org/wp-content/uploads/2020/05/Academic_Brief_F2F_20200514_FINAL_ENG.pdf> Acesso em 20 mai. 2020.

DUPAS Gilberto. O mito do progresso. Novos estudos CEBRAP. N. 77, mar. 2007, p.73-89.

GEMMILL-HERREN, Barbara. Closing the circle: an agroecological response to covid-19. Agriculture and Human Values. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10460-020-10097-7>> Acesso em 12 mai. 2020.

GEPAD – Grupo de Estudos e Pesquisas em Agricultura, Alimentação e Desenvolvimento. Gepad em quarentena. S. I. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/agrifood/index.php>> Acesso em 16 mai. 2020.

GLIESSMAN, Stephen. Agroecology: Ecological Processes in Sustainable Agriculture. CRC Press, 1998.

GLOBO RURAL, Revista. Brasil tem pelo menos sete frigoríficos com trabalhadores contaminados por coronavírus. S.I. Reportagem publicada em

28 de abril de 2020. Disponível em:

<<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Criacao/noticia/2020/04/brasil-tem-pelo-menos-sete-frigorificos-com-trabalhadores-contaminados-por-coronavirus.html>> Acesso em 03 jun. 2020.

LEOPOLDO, Eudes. O mundo, a Amazônia e a região de fronteira no fio da navalha: o Sul e Sudeste do Pará em tempos da pandemia do coronavírus. Unifesspa: Painel Reflexão em tempos de crise. 15 mai. 2020. Disponível em: <https://acoescovid19.unifesspa.edu.br/images/conteudo/Texto_Prof._Eudes_Leopoldo.pdf> Acesso em 08 jul. 2020.

LOEBLEIN, Gisele. Como ficaram as exportações do agronegócio brasileiro no primeiro trimestre. S.I. Jonal GauchaZH. Publicado 08 de abr. 2020. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/gisele-loeblein/noticia/2020/04/como-ficaram-as-exportacoes-do-agronegocio-brasileiro-no-primeiro-trimestre-ck8rxl0vy017d01ntingui2e.html>> Acesso em 20 mai. 2020.

LUCENA, Cicero Cartaxo; HOLANDA-FILHO, Zenildo Ferreira; BOMFIM, Marco Aurelio Delmondes. Atuais e potenciais impactos do coronavírus (Covid-19) na caprinocultura e ovinocultura. Embrapa Caprinos e Ovinos-Nota Técnica/Nota Científica (ALICE), 2020.

MATHIS, Armin. Cadastro Único, espelho da pobreza e vulnerabilidade social no Pará, e as possibilidades de seu uso como instrumento de gestão no combate da pandemia de Covid-19. Papers do NAEA, v. 29, n. 1, 2020.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/view/8745>> Acesso em 04 jun. 2020.

MELLO, Andréa Hentz; FEITOSA, Nathália Karolinne. Dinâmicas da ocupação territorial na Amazônia: Reflexões sobre os impactos socioambientais pós-pandemia decorrentes do avanço do desmatamento. Unifesspa: Painel Reflexão em tempos de crise. 15 mai. 2020. Disponível em: <https://acoescovid19.unifesspa.edu.br/images/conteudo/Texto_Profa._Andréa_Hentz.pdf> Acesso em 08 jun. 2020.

O-TEMPO. Governo traça diretrizes para eventual combate a nuvem de gafanhotos no país. Notícia publicada em 30 de junho 2020. S.I. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/brasil/governo-traca-diretrizes-para-eventual-combate-a-nuvem-de-gafanhotos-no-pais-1.2354905>> Acesso em 15 jul. 2020.

RABELLO, Ananza Mara; OLIVEIRA, Danielly Brito de. Impactos ambientais antrópicos e o surgimento de pandemias. Unifesspa: Painel Reflexão em

tempos de crise. 26 mai. 2020. Disponível em:
<https://acoescovid19.unifesspa.edu.br/images/conteudo/Impactos_ambientais_antronicos_e_o_surgimento_de_pandemias_Ananza_e_Danielly.pdf>
Acesso em 08 jul. 2020.

REIS-FILHO, José Amorim; QUINTO, Danilo. COVID-19, Afastamento social, Pesca artesanal e Segurança alimentar: Como esses temas estão relacionados e quão importante é a soberania dos trabalhadores da pesca diante do cenário distópico. Scielo Pré-printPilot. Human Science. 2020

RIBEIRO, Fernando, et al. Cenários para o Comércio Exterior Brasileiro (2020-2021): Estimativas dos Impactos da Crise da COVID-19. IPEA: Nota técnica 17. Abril, 2020. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200428_nt_dinte_17.pdf> Acesso em 28 mai. 2020.

SCARAMUZZO, Mônica; SILVA, Cleide; CHIARA, Márcia de. Efeito coronavírus força frigoríficos a parar e dar férias coletivas. S. I. Jornal Estadão Economia. Publicado em 17 de março de 2020. Disponível em:
<<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,efeito-coronavirus-forca-frigorificos-a-parar-unidades-e-dar-ferias-coletivas,70003235879>> Acesso em 03 jun. 2020.

SOENDERGAARD, Niels, et al. Impactos da covid-19 no agronegócio e o papel do Brasil. Insper- Centro do Agronegócio Global. Texto para discussão n.2. jun. 2020. Disponível em: <<https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2020/06/impactos-da-covid-19-no-agronegocio-e-o-papel-do-brasil-vf-a.pdf>> Acesso em 15 jul. 2020.

SOUSA, Reginaldo Cerqueira. Vulnerabilidade, vida precária e luto: os impactos da pandemia da Covid-19 no Brasil. Unifesspa: Painel Reflexão em tempos de crise. 25 mai. 2020. Disponível em:
<https://acoescovid19.unifesspa.edu.br/images/Vulnerabilidade_vida_precaria_e_luto_os_impactos_da_pandemia_da_Covid-19_no_Brasil_-_25_de_maio.pdf> Acesso em 10 jul. 2020.